

# A escravidão da vontade

Analisaremos se é possível escravizar a vontade de um indivíduo, pois na história da humanidade verifica-se que, os escravos eram livres quanto a vontade, mesmo legalmente impossibilitado de ser livre.

---

## A escravidão da vontade

### A questão

- *“Pode um ser humano, voluntariamente e sem qualquer ajuda, voltar-se para Cristo para ser salvo de seus pecados”?*

Há um problema quanto à formulação da questão acima. A pergunta, diante da verdade do evangelho, é descabida e não comporta uma resposta correta, pois, invariavelmente, todos quantos se propuser a respondê-la, seja com um sim ou um não, serão induzidos a erro.

### Questão histórica

Diante desta pergunta, tanto a resposta de Lutero quanto a de Erasmo foram equivocadas, pois a pergunta contém um erro na sua formulação que não corresponde à verdade do evangelho.

Uma pergunta que ficou sem resposta da parte de Cristo foi: “O que é a verdade?”. Ora, Jesus havia dito a Pilatos que veio dar testemunho da verdade, e Pilatos, cheio de conhecimento filosófico, questionou de modo sarcástico: Que é a verdade?

Qualquer resposta que Cristo estabelecesse diante da pergunta, seria inócua, pois Cristo estava testemunhando de Deus e Pilatos estava focado em questões de ordem filosóficas. Portanto, a melhor resposta é o silêncio, pois aquele que responde ao tolo segundo a sua tolice é semelhante ao tolo [“Não respondas ao](#)

tolos segundo a sua estultícia; para que também não te faças semelhante a ele” ( Pv 26:4 ).

Se Jesus se detivesse e respondesse Pilatos segundo a filosofia, seria tão somente mais um filósofo, o que é diferente de dar testemunho da verdade. Pilatos não achou crime algum em Cristo, porém, a pergunta ‘Que é a verdade’ foi um modo de desprezar a pessoa de Cristo “Disse-lhe Pilatos: Que é a verdade? E, dizendo isto, tornou a ir ter com os judeus, e disse-lhes: Não acho nele crime algum” ( Jo 18:38 ).

Certa feita Jesus foi abordado por um ‘doutor’ da lei que lhe perguntou: “Mestre, qual é o grande mandamento na lei?” ( Mt 22:36 ). Jesus respondeu segundo a lei: “Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu pensamento. Este é o primeiro e grande mandamento” ( Mt 22:37 -38).

Como se verifica através do testemunho do evangelista Marcos, nada Jesus declarava aos homens a não ser por parábolas “E sem parábolas nunca lhes falava; porém, tudo declarava em particular aos seus discípulos” ( Mc 4:34 ), e a resposta de Jesus foi uma parábola, visto que o mestre da lei seguia tais ensinamentos, porém, ainda não havia se achegado a Deus com entendimento. A resposta que Jesus deu ao mestre da lei era uma resposta ao ‘tolo’ segundo a sua estultícia “Responde ao tolo segundo a sua estultícia, para que não seja sábio aos seus próprios olhos” ( Pv 26:5 ).

Ao interrogar a Cristo, o doutor da lei queria experimentá-lo, porém, a resposta foi a altura da sua tentativa de experimentá-lo. A resposta de Cristo agradou o mestre da lei, o mestre legalista permaneceu em pecado, pois apesar de ‘ver’ não enxergava “Para que, vendo, vejam, e não percebam; e, ouvindo, ouçam, e não entendam; para que não se convertam, e lhes sejam perdoados os pecados” ( Mc 4:12 ); “E um deles, doutor da lei, interrogou-o para o experimentar ...” ( Mt 22:35 ).

Mas, analisemos a questão:

“Pode um ser humano, voluntariamente e sem qualquer ajuda, voltar-se para Cristo, para ser salvo de seus pecados?”.

- Observe que a humanidade estava alienada de Deus e que Cristo foi enviado para desfazer a barreira de separação que havia entre Deus e os

homens. Observe também que Cristo é [o caminho que conduz o homem a Deus](#) ( Mt 7:13 ). Ele é o novo e vivo caminho ( Hb 10:20 ). Ele mesmo disse: [“Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade e a vida; ninguém vem ao Pai, senão por mim”](#) ( Jo 14:6 ).

Ou seja, a pergunta deveria ser a seguinte: Pode um ser humano, voluntariamente e sem qualquer ajuda, voltar-se para Deus, para ser salvo de seus pecados? Neste caso a resposta é não, pois sem Cristo-homem, que é o medidor entre Deus e os homens, não há como o homem, mesmo que voluntariamente, alcançar, voltar-se para Deus.

Ou seja, o pecado é uma barreira de separação erguida entre Deus e os homens por causa da desobediência de Adão, e Cristo é o mediador entre Deus e os homens, portanto, o homem só pode chegar-se a Deus por intermédio de Cristo. Não é o homem que se aproxima a Cristo, antes é Ele que veio até os homens anunciando boas novas de salvação. Ele é o advogado, o mediador, a ajuda que o homem necessita para ‘voltar-se’ para Deus.

Um exemplo claro é o povo de Israel, que se escudavam na lei mosaica na tentativa de se voltarem para Deus, porém, não conseguiam, pois lhe faltava o entendimento necessário, que é Cristo ( Rm 10:2 ).

- O povo de Israel é um exemplo claro de que o homem pode, voluntariamente e até mesmo com a ajuda de outros semelhantes e da lei voltar-se para Deus, mais isto não significa que, por meio da voluntariedade irá alcançá-lo.

Ou seja, a pergunta deveria ser específica, inquirindo se é possível a alguém que busque voltar-se para Deus sem a compreensão (boas novas do reino, evangelho, etc.) fornecida pelo mediador, que é Cristo, alcançar a Deus e ser salvo da condenação do pecado.

A descrição do salmo 49 aplica-se ao povo de Israel, pois eles confiavam em suas riquezas e que poderiam salvar aos seus semelhantes [“Aqueles que confiam na sua fazenda, e se gloriam na multidão das suas riquezas, Nenhum deles de modo algum pode remir a seu irmão, ou dar a Deus o resgate dele \(Pois a redenção da sua alma é caríssima, e cessará para sempre\)”](#) ( Sl 49:6 -8).

Qual era a fazenda de Israel? A sua descendência segundo a carne de Abraão.

Esta era a 'riqueza' na qual o povo de Israel estava confiado que haviam adquirido a salvação.

- De que pecado a pergunta faz referência? A condição herdada de Adão, que alienou todos os homens de Deus? Ou diz de questões comportamentais provenientes da moral dogmática platonista e aristotélica introduzida no cristianismo por Santo Agostinho e São Tomas de Aquino? O pecado refere-se aos sete pecados capitais, ou a condição decorrente da queda de Adão?

Ora, se o homem for um seguidor da filosofia de Platão e de Aristóteles, pelo ascetismo conseguirá livrar-se dos 'pecados' que foram classificados em capitais, que inicialmente eram oitos. De igual modo, se for um seguidor do budismo, hinduísmo, judaísmo, ver-se-á salvo de tais práticas de cunho moral. Mas, seria isto salvação do pecado? Não! Salvação do pecado não se dá por ascese, antes se dá pelo lavar regenerador: novo nascimento.

A pergunta que cabe uma resposta é a seguinte: Pode um ser humano, voluntariamente e sem a mediação de Cristo, voltar-se para Deus, para ser salvo da condenação herdada de Adão? A resposta é não, pois não há outro nome pelo qual devamos ser salvos! [“E em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos”](#) ( At 4:12 ).

## **As bases do argumento de Lutero contra o livre-arbítrio**

Lutero tomou como base o verso 18 do capítulo 1 de Romanos para introduzir o seu primeiro argumento: *'A culpa universal da humanidade prova que o "livre-arbítrio" é falso'*.

O que diz Romanos 1, verso 18? Para compreender a abordagem paulina faz-se necessário analisar o contexto onde foi inserido o verso 18 do capítulo 1.

O contexto mostra que o apóstolo Paulo escreveu aos cristãos em Roma, porém, devemos visualizar dois subgrupos de cristãos: os convertidos dentre os gentios e os convertidos dentre os judeus.

Após a apresentação inicial e louvor ao evangelho de Cristo ( Rm 1:1 ao 17), o apóstolo demonstra a condição reprovável dos gentios, exposição que os judeus plenamente acatavam ( Rm 1:18 à 32). Porém, no capítulo 2, verso 1 em diante, o apóstolo Paulo direciona as suas observações de modo a demonstrar que a condição dos judeus em nada é diferente da dos gentios, mesmo sendo descendentes da carne de Abraão e possuidores da lei mosaica.

Ou seja, a base de argumentação do apóstolo fixa-se em demonstrar que, embora os judeus tenham recebido a lei e a circuncisão da carne, em nada eram diferentes dos gentios, e que tudo o que a lei dizia, dizia aos que estavam sob a lei, com um único objetivo: demonstrar ao judeus que, ambos os povos, judeus e gentios, eram escusáveis diante de Deus *“Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda a boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus”* ( Rm 3:19 ).

Em suma, segue o exposto pelo apóstolo: *“Pois quê? Somos nós mais excelentes? De maneira nenhuma, pois já dantes demonstramos que, tanto judeus como gregos, todos estão debaixo do pecado”* ( Rm 3:9 ).

Analisemos o exposto por Lutero:

*“Em Romanos 1.18, Paulo ensina que todos os homens, sem qualquer exceção, merecem ser castigados por Deus (...) Se todos os homens possuem ‘livre-arbítrio’, ao mesmo tempo que todos, sem qualquer exceção, estão debaixo da ira de Deus, segue-se daí que o ‘livre-arbítrio’ os está conduzindo a uma única direção – da ‘impiedade e da iniquidade’. Portanto, em que o poder do ‘livre-arbítrio’ os está ajudando a fazer o que é certo? Se existe realmente o ‘livre-arbítrio’, ele não parece ser capaz de ajudar os homens a atingirem a salvação, porquanto os deixa sob a ira de Deus”* Lutero, Martinho, versão condensada e de fácil leitura do clássico de Martinho Lutero, A Escravidão da Vontade, publicada inicialmente em 1525. Preparado por Clifford Pond Editor Geral: J.K. Davies, B.D., Th.D. EDITORA FIEL da MISSÃO EVANGÉLICA LITERÁRIA (grifo nosso).

Há várias imprecisões no parágrafo acima que invalida a proposição inicial. Vejamos:

a) *Todos os homens merecem ser castigados por Deus*- A Bíblia demonstra que todos os homens estão destituídos da glória de Deus, ou seja, todos

formam julgados e apenados com a morte. Todos já foram julgados e apenados, e do julgamento e condenação adveio a pena: perdição **“Pois assim como por uma só ofensa veio o juízo sobre todos os homens para condenação...”** ( Rm 5:18 ). O castigo não será impingido no futuro, antes já houve um juízo e já foi atribuída uma pena: condenação, morte, alienação. A asserção *‘os homens (...) merecem ser castigados por Deus’* é descabida, pois um só pecou e todos pecaram. Um só morreu e todos morreram, ou seja independente de merecimento ou não, todos quanto nasceram segundo a carne de Adão já foram apenados com a separação de Deus: morte ( 1Co 15:21 - 22).

b) *O ‘livre-arbítrio’ os está conduzindo a uma única direção* - A Bíblia demonstra que todos os homens, exceto Cristo, entraram por uma porta larga (Adão), e estão em um caminho largo que os conduz à perdição, ou seja, não é o ‘livre-arbítrio’ que conduz os homens a perdição, antes é o caminho em que estão, após terem entrado pela porta larga, que os conduz à perdição ( Mt 7:13 -14);

c) *Em que o poder do ‘livre-arbítrio’ os está ajudando a fazer o que é certo* - Ora, a salvação não se vincula ao que é certo ou errado, antes em aceitar a verdade do evangelho. Tudo que o homem faz pode ser certo e errado, no entanto, seus erros e acertos não contribui para salvação ou contribuíram para a perdição, pois a perdição vincula-se ao caminho em que o homem está após ser gerado segundo a carne; os homens se perderam por nascerem segundo a carne de Adão, e não por fazerem coisas erradas;

d) *O ‘livre-arbítrio’ não parece ser capaz de ajudar os homens a atingirem a salvação* - Nada ajuda o homem a atingir a salvação, e o livre arbítrio também não. Primeiro porque o único que se perdeu em decorrência de exercer o livre-arbítrio foi Adão e, em segundo lugar, todos os seus descendentes foram condenados a perdição sem a necessidade de exercerem o livre-arbítrio. O único que conduz os homens a Deus é Cristo, a porta e o caminho estreito que conduz o homem a vida;

e) *O ‘livre arbítrio’ (...) os deixa sob a ira de Deus* - Estar ou não sob a ira de Deus não é uma questão de ‘livre-arbítrio’, antes uma questão de filiação. Todos os filhos da desobediência são filhos da ira, ou seja, os filhos da ofensa de Adão é o que estabeleceu a ira de Deus sobre os homens. Havia um livre-

arbítrio capaz de livrar o homem da condenação, o que Adão possuía antes da ofensa. Após o julgamento e a condenação, livrar-se da ira não é uma questão de livre-arbítrio, mas de mediador.

Quando o apóstolo Paulo diz no verso 18, do capítulo um que a ira de Deus se manifesta sobre a impiedade e injustiça dos homens que detêm a verdade em injustiça, ele faz referencia a todos os homens que não conhecem o evangelho de Cristo, sendo que os cristãos, já não estão sob a ira, visto que são um com a Verdade [“Porque do céu se manifesta a ira de Deus sobre toda a impiedade e injustiça dos homens, que detêm a verdade em injustiça \( Rm 1:18 \)](#).

Porém, a ira de Deus ainda não é manifesta aos homens, pois os homens desconhecem que estão sob a condenação de Adão. Somente por meio do evangelho é possível o homem entender que o juízo já foi estabelecido por Deus no Éden. Mas, há um dia reservado para que se dê a conhecer aos homens o juízo de Deus, que será também o dia da ira, quando os homens descobrirão que estão sob condenação (morte) e, que cada um será retribuído segundo as suas obras [“Mas, segundo a tua dureza e teu coração impenitente, entesouras ira para ti no dia da ira e da manifestação do juízo de Deus” \( Rm 2:5 \)](#).

Portanto, o julgamento que condenou Adão e todos os seus descendentes já ocorreu no Éden. Haverá um julgamento futuro, mas refere-se as obras dos homens ímpios, que de nada lhes aproveitarão, visto que estão condenados pela ofensa de Adão.

No capítulo um de Romanos, a partir do verso 18, o apóstolo Paulo demonstra que todos os homens estão sob condenação, tanto judeus quanto gentios. No verso 16 ele declara que o evangelho é poder de Deus, salvação a todos os que creem. Isso significa que, embora os judeus estivessem voltados a buscar a Deus, não teriam êxito, pois buscavam sem entendimento ( Rm 10:2 ).

Eles tinham forças, vontade, zelo, cuidado, etc., para voltar-se para Deus, porém, a despeito de tudo, em nada eram diferente dos gentios, ou seja, o apóstolo Paulo não condenava o ‘livre-arbítrio’ ou a falta de voluntariedade em buscarem a Deus, antes condenava a falta de ‘conhecimento’ ( Mc 12:24 ). Sobre este quesito, o apóstolo Paulo dá testemunho que, como judeu, o seu homem interior tinha prazer na lei de Deus ( Rm 7:22 ), e queria fazer o bem ( Rm 7:21 ), demonstrando a sua livre-vontade e voluntariedade, porém, embora a vontade fosse livre a

escolha não é.

O próprio conceito de 'livre-arbítrio' que Lutero debate é descabido. Por quê? Porque em todos os tempos o homem teve somente livre-vontade, e a escolha nunca foi livre, pois se restringe ao que lhe é oferecido. Através da vontade é possível desejar tudo, até o impossível, porém, a escolha limita-se a um conjunto pré-definido.

Adão, antes da queda, possuía livre-vontade, pois podia desejar comer de todas as árvores do jardim, inclusive a do conhecimento do bem e do mal, porém, a escolha era restrita ao número de árvores disponíveis no jardim.

Com a ofensa, ele permaneceu com a livre-vontade, porém, a livre-escolha de permanecer livre da morte (condenação) foi-lhe retirada quando lhe foi imposta a pena: separação de Deus. A vontade de salvar-se surgiu, porém, foi posto um anjo com uma espada protegendo a entrada no jardim para que Adão não voltasse e comesse do fruto da árvore da vida. Isto indica que, apesar do pecado, a vontade de Adão era livre, o que motivou Deus colocar um anjo para proteger a árvore da vida [“E havendo lançado fora o homem, pôs querubins ao oriente do jardim do Éden, e uma espada inflamada que andava ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida”](#) ( Gn 3:24 ).

Se considerarmos que 'livre-arbítrio' refere-se à vontade, temos que o homem possui livre-arbítrio. Se considerarmos que 'livre-arbítrio' refere-se à escolha, temos que o homem não possui livre-arbítrio. Mas, o que demonstra Gêneses três, verso vinte e quatro, é que o homem tinha o desejo livre para voltar e querer livrar-se da morte, porém, o caminho de acesso a Deus não era esse.

Portanto, para as considerações ulteriores, sempre falaremos de livre-vontade e de livre-escolha.

Quando se lê: [“Como está escrito: Não há um justo, nem um sequer. Não há ninguém que entenda; Não há ninguém que busque a Deus”](#) ( Rm 3:10 -11), temos que pensar nos judeus, que apesar de entenderem que buscavam a Deus, as Escrituras depunham contra eles, visto que ela diz que 'não há um justo' e que 'não há ninguém que busque a Deus', pois tudo o que a lei dizia, dizia aos que estavam sob ela, e não aos gentios [“Ora, nós sabemos que tudo o que a lei diz, aos que estão debaixo da lei o diz, para que toda a boca esteja fechada e todo o mundo seja condenável diante de Deus”](#) ( Rm 3:19 ).

Vale salientar o contexto do Salmo 53 que o apóstolo Paulo cita aos judeus convertidos que estavam em Roma: **“Acaso não têm conhecimento os que praticam a iniquidade, os quais comem o meu povo como se comessem pão? Eles não invocaram a Deus”** ( Sl 53:4 ). Quem são os obreiros da iniquidade? Quem comia o povo de Deus como se fosse pão? Não é uma referência aos líderes de Israel? Claro que sim, pois o que lhes faltava era o conhecimento ( Rm 10:2 ), portanto, não invocavam a Deus, se invocassem, por certo que seriam salvos **“Porque todo aquele que invocar o nome do SENHOR será salvo”** ( Rm 10:13 ).

A conversão de qualquer pessoa acontece quando Deus envia o ‘mediador’, que é Cristo-homem, para que tudo que ele revele acerca de Deus possa desfazer a ignorância. A ignorância só é debelada quando é revelada a verdade do evangelho, que é poder de Deus. Sem o Mediador (Cristo) e o conhecimento (evangelho) que Ele apresenta, ninguém jamais poderia ser salvo.

Ninguém, durante toda a história humana, conceberia por si mesmo a realidade da ira de Deus sobre os filhos da ira, conforme nos ensina nas Escrituras: de que todos os homens entraram por uma porta larga e que estão sendo conduzidos à perdição.

Ninguém jamais sonhou em estabelecer a paz com Deus por intermédio da vida e da obra de um Salvador singular, o Mediador entre Deus e os homens, pois somente através de um mediador é que os homens são conduzidos a Deus através de um novo e vivo caminho.

O evangelho do mediador foi primeiramente anunciado a Abraão **“Ora, tendo a Escritura previsto que Deus havia de justificar pela fé os gentios, anunciou primeiro o evangelho a Abraão, dizendo: Todas as nações serão benditas em ti”** ( Gl 3:8 ), mas os descendentes da carne de Abraão passaram a confiar na carne de Abraão, e não tiveram a mesma confiança (fé) que o crente Abraão, que teve por base da confiança o evangelho que lhe foi anunciado.

Confiar o povo judeu confiava, porém, não confiava que a salvação viria do Descendente, antes confiava que eram filhos de Deus por serem descendentes da carne de Abraão. A confiança (fé) deles não lhes aproveitou, pois ela não repousava sobre o Descendente, antes na carne de Abraão. Portanto, a salvação é pela fé, mas a confiança (fé) na fé que havia de se manifestar **“Mas, antes que a fé viesse, estávamos guardados debaixo da lei, e encerrados para aquela fé que se**

havia de manifestar” ( Gl 3:23 ).

Deus tomou a iniciativa de revelar-se aos homens, e assim o fez a Abraão. Ora, como o evangelho foi por revelação, segue-se que jamais o homem descobriria por si só como se salvar. E a revelação de Deus está no Mediador, o Descendente, alguém que o homem não poderia providenciar.

Aproximar-se de Deus não tem relação com o ‘livre-arbítrio’, pois os judeus procuravam aproximarem-se de Deus, o que indica que possuíam livre-vontade, porém, a escolha que fizeram em confiar da carne e na lei fez com que rejeitassem o Mediador estabelecido por Deus.

Por fim, a conclusão de Lutero não é acertada:

*“Ora, se todos os homens são possuidores de ‘livre-arbítrio’, e todos os homens são culpados e estão condenados, então esse suposto ‘livre-arbítrio’ é impotente para conduzi-los à fé em Cristo. Por conseguinte, a vontade dos homens, afinal, não é livre”* Idem.

A vontade do homem é livre, pois se assim não fosse, Deus não havia posto um querubim na entrada do jardim para impedi-lo de comer da árvore da vida. A vontade do homem é livre, pois os judeus buscavam a Deus, porém, sem conhecimento, e não alcançaram a salvação por rejeitarem a revelação de Deus. A vontade do homem é livre, porém, não há uma escolha de salvação fora da que Deus propôs em Cristo.

O segundo argumento de Lutero foi: *“O domínio universal do pecado prova que o ‘livre-arbítrio’ é falso”*.

A relação que Lutero procurou estabelecer entre ‘domínio universal do pecado’ e ‘livre-arbítrio’ não é prova.

O domínio universal do pecado prova, diferente do proposto por Lutero, que todos entraram neste mundo por Adão, evento que os sujeitou ao pecado, o que em nada depõe contra a livre-vontade daqueles que estão sendo conduzidos pelo caminho largo à perdição.

O que o apóstolo Paulo diz em Romanos 3, verso 9: *“Que se conclui? Temos nós [os judeus] qualquer vantagem [sobre os gentios]? não, de forma nenhuma; pois já temos demonstrado que todos, tanto judeus como gregos, estão debaixo do*

*pecado*”, tem o fito de demonstrar aos cristãos convertidos dentre os judeus que todos os homens, sem exceção, estão sob condenação.

A condenação da humanidade é uma condição semelhante à condição dos escravos: os escravos possuíam a ‘livre-vontade’ de serem livres, porém, a escolha não lhes era possível. A colocação de Lutero a seguir carece ser revista:

*“Não somente são todos os homens, sem qualquer exceção, considerados culpados à vista de Deus, como também são escravos desse mesmo pecado que os torna culpados”* Idem.

Os homens não são ‘considerados’ culpados, como disse Lutero, antes já foram julgados e apenados e estão sob condenação. Estar sob condenação é totalmente diferente de ser considerado culpado. A concepção de que ser escravo do pecado é o que torna o homem culpado é distorcida, visto que, o homem está sob condenação, uma condição que é ilustrada como escravidão ao pecado.

O fato de ser evidente que sem Deus não há quem faça o bem *“...torna-se evidente que no homem não há poder que o capacite a praticar o bem”* (Idem), não guarda relação com a incapacidade de se livrar da servidão ao pecado. Primeiro porque não é a prática do bem que tornar o homem livre do pecado, antes a liberdade do pecado só é possível através do evangelho como poder de Deus, a fé manifesta aos homens. Em segundo lugar, a prática do bem só é possível aos que estão em Deus, portanto, se o homem não está em Deus não há o que se falar em ‘poder que o capacite’.

Fazer o bem é condição ‘sine qua non’ dos servos da justiça, assim como é condição dos servos do pecado fazer o mal. O fazer o bem e o mal decorre da natureza, e além do mais, o bem e o mau em tela não guarda relação com questões de ordem moral, antes decorre da essência do ser. Assim como a árvore boa produz fruto bom, os servos da justiça praticam a justiça e o que é bom.

A escravidão ao pecado é universal porque todos os homens foram gerados de Adão, não importando se são retos ou melhores que seus semelhantes. Como já dissemos, ao nascer o homem entrou por uma porta larga que deu acesso a um caminho largo que conduz a perdição. Neste caminho não importa a razão, a vontade, a bondade, pois o que conduz a perdição é o caminho e não as escolhas do homem.

Ao fazer referência à passagem de Romanos 3, verso 10 a 12, Lutero diz que o significado do texto é perfeitamente claro, porém, fez uma leitura equivocada. Ora, se Deus é conhecido através da razão e vontade do homem, por que a natureza do homem deve ser levada em conta?

*“O significado dessas palavras é perfeitamente claro. Deus é conhecido através da razão e da vontade humanas. Porém, nenhum ser humano, somente por sua natureza, conhece a Deus. Precisamos concluir, por conseguinte, que a vontade humana está corrompida e que o homem é totalmente incapaz, por si mesmo, de conhecer a Deus ou de agradá-Lo”* Idem.

Lutero parece amalgamar razão e vontade com natureza. A natureza humana é imutável do ponto de vista dos homens, pois jamais um homem pode deixar de ser homem para ser anjo, ou até mesmo ser outro homem. Mas, o mesmo não se pode dizer da razão e da vontade, que são entes maleáveis e moldáveis.

Quando Deus se revelou na pessoa de Cristo, o Verbo encarnado, Ele deu a conhecer a verdade do evangelho que, quando compreendido muda a razão e a vontade do homem. A esta mudança dá-se o nome de ‘arrepentimento’ (metanóia), mudança de concepção, mudança de pensamento. Porém, a mudança de natureza só se dá através da regeneração, que é algo que somente Deus pode realizar, momento em que o homem passa a ‘conhecer’ (ter comunhão íntima) a Deus, pois tornam-se um só corpo.

A ‘metanóia’ é transformação da razão, porém, conhecer a Deus não se dá através da razão, antes só é possível conhecer a Deus quando o homem torna-se um só corpo com o Filho. Conhecer a Deus é tornar-se um com Ele, portanto, é ser participante da natureza divina ( Jo 17:21 ; 2Pe 1:4 ).

Continua...